



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos do Descobrimento do Brasil – 440 anos da União das Coroas Ibéricas – 270 anos do Tratado de Madri – 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II – 150 anos do final da Guerra do Paraguai – 90 anos da Revolução de 1930 – 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020

Novembro

Nº 361

QUADRO DE MATERIAL BÉLICO (QMB) 30 DE OUTUBRO TENENTE-GENERAL CARLOS ANTÔNIO NAPION PATRONO DO QMB.

NYLSON REIS BOITEUX Cel Art EM Reformado do Exército.



Fonte: www.eb.mil.br

O Quadro de Material Bélico (QMB), foi criado pelo Exército Brasileiro em decorrência da sua participação na II Guerra Mundial (1939-1945) pela Lei nº 3.654, de 4 novembro de 1959.

Este grande avanço operacional proporcionou a possibilidade dos Exércitos Aliados manterem seus órgãos de combate funcionando, ensejando uma atividade quase ininterrupta.

O Quadro de Material Bélico, componente operacional do Exército, integrava os antigos setores que se dedicavam na obtenção e distribuição de suprimento de material bélico, manutenção e evacuação de todo o material usado pela força terrestre.

As origens do Material Bélico remontam ao período Colonial da História do Brasil, quando se organizara uma estrutura de manutenção capaz de apoiar o Exército Colonial Português e a Marinha de Guerra no combate contra os invasores de nossa Pátria (França, Inglaterra, Holanda, etc.).

A Marinha Portuguesa era, então, senhora incontestável do Atlântico e, em pontos estratégicos ao longo da costa brasileira dispunha de excelentes bases de apoio logístico, de reparos, de material bélico, de reabas-

tecimento e de repouso: Belém, São Luiz, Salvador e Montevideu eram praças fortes, bem guarnecidas e fartamente municionadas.

Com o avançar do tempo, a Missão Militar Francesa, ainda no período 1920 a 1940, trouxe a motomecanização, o que acarretou grande volume de novos equipamentos, proporcionando o aumento significativo das necessidades de manutenção de material rodante militar, assim como das demais atividades paralelas requeridas à sua manutenção. Em razão dessa necessidade criou-se o Centro de

Instrução de Motorização e Mecanização, por ordem do Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e do General Carlos Flores de Paiva Chaves. O centro ampliou-se, e foi sucessivamente denominado: Escola de Moto Mecanização (1942) e Escola de Material Bélico (1960), quando incorporou o Curso de Armamento e Munições que era ministrado na Escola de Instrução Especializada. A Portaria do Comandante do Exército nº 126, de 10 de março de 2010, transformou a Escola de Material Bélico em Escola de Sargentos de Logística.

Dados biográficos do Tenente-General Carlo Gerolano Antônio Maria Galeano Napioni Cavaliere di Cocconato (PATRONO DO QMB).

Nasceu em Turim, na Itália, em 30 de outubro de 1757. Formado em metalurgia, foi militar e lutou pelo Piemonte, chegando a Major por bravura.

Em 1780 foi contratado pelo Reino de Portugal, o que era uma prática usual na época. Adotou o nome português de Carlos Antônio Napion.

Chegou a Brigadeiro, no cargo de Inspetor Real do Exército para a área técnica. Veio para o Brasil em 1808, acompanhando a Corte Portuguesa.

Criou o Arsenal de Guerra do Rio; as Reais Fábricas de pólvora de São João de Ipanema (hoje, Iperó) e a do Jardim Botânico. Estas fábricas constituíram-se na origem da indústria de material de defesa no Brasil. Ampliou a Fábrica de Armas da Conceição, e aprimorou o sistema de fortificações da Corte e seu entorno.

Entre outros importantes cargos, foi um dos primeiros integrantes do Conselho

Supremo Militar, atual STM, e também foi o primeiro Comandante da Academia Real Militar, origem da AMAN.

Faleceu em 27 de junho de 1814 e, segundo alguns biógrafos, teria sucumbido ao excesso de trabalho.

Por suas realizações, foi declarado Patrono do Quadro de Material Bélico em 1966. Seu nome figura em primeiro lugar na galeria de ex-comandantes, localizada na Academia Militar das Agulhas Negras. Permaneceu nesta função até sua morte em 22 de junho de 1814. Seus restos mortais encontram-se no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro. O precioso legado de realizações tornou-o merecedor do reconhecimento da instituição e do país, materializado através do decreto presidencial de 1966 que o consagra PATRONO DO QUADRO DE MATERIAL BÉLICO.

Bibliografia: A MARINHA IMPERIAL E OUTROS ENSAIOS – AUTOR: LUCAS ALEXANDRE BOITEUX – CAPITÃO DE MAR E GUERRA - IMPRENSA NAVAL – MINISTÉRIO DA MARINHA – BRASIL – 1954. MATERIAL PESQUISADO NO GOOGLE; Arquivo e Biblioteca do Autor. SOBRE O AUTOR: NYLSON REIS BOITEUX, MESTRE EM ARTE DA GUERRA, DOUTOR EM CONHECIMENTOS E ESTUDOS MILITARES, ENDEREÇO: RUA GAMELEIRA Nº 70, CARANDÁ BOSQUE II - CAMPO GRANDE – MS - CEP: 79 032 – 370, E-MAIL: mgracalb@hotmail.com, Campo Grande/MS, 20 de outubro de 2020.



O Positivismo e o Exército Brasileiro

Adriana Iop Bellintani

Graduada em História pela UFSM, mestre em História Ibero-Americana pela PUCRS e doutora em História social pela UnB.

Resumo

Este trabalho versa sobre a doutrina positivista de Augusto Comte (1798-1857), suas principais características e a sua introdução no seio do Exército Brasileiro como doutrina militar. O Exército Brasileiro até 1920 é sustentado por esse embasamento doutrinário de inspiração Comtiana: o objetivo dos integrantes da Escola Militar, neste período, é aprender os ensinamentos de engenharia e matemática, deixando de lado os conhecimentos referentes à representação e função de um militar. O positivismo marca a história doutrinária do Exército Nacional desde o período imperial, passando pela proclamação da República, e a Primeira República, quando a formação militar começa a ser profissionalizada.

Palavras chaves: Positivismo - Doutrina Militar - Exército Brasileiro

O Positivismo de Augusto Comte

O positivismo é uma doutrina político-filosófica surgida no século XIX sob orientação de Auguste Comte (1798-1857), que valoriza as ciências e o avanço técnico-científico com objetivo de elevar o espírito do homem e, conseqüentemente, proporcionar o progresso da humanidade. Essa filosofia é compreendida, pelo referido teórico, como um conjunto de concepções que a interrelacionam com a política e a teologia, de tal forma que a república só pode ser entendida através do teológico, pela fé.

O positivismo tem simultaneamente um caráter **ortodoxo**, ao se outorgar o estatuto de religião da humanidade, e **heterodoxo**, ao se conceber como filosofia política, ou simplesmente como gênero literário. Para a vertente heterodoxa, a ordem é o estado de polícia, e o progresso é representado pela sociedade tecnicamente desenvolvida, ou seja, industrializada, ideal a ser alcançado, principalmente no caso de um país essencialmente agrícola como, no período da primeira república, é o Brasil, e, mais particularmente, o Rio Grande do Sul.

Enquanto ciência social, o positivismo se propõe à análise das demais ciências e ao estabelecimento de sua hierarquia, através da utilização de um método sistemático e metódico. Como afirma Comte: "(...) me parece incontestável que, dentro do sistema geral das ciências, a astronomia deva ser colocada antes da física propriamente dita (...)" (Comte, 1972: 191).

A matemática é vista por Comte como um modelo de análise; a astronomia, como um percurso de observação sistemática; a física, por sua função experimental; a química, como a arte das nomenclaturas; a biologia, como aperfeiçoamento da teoria da classificação; e a sociologia, como dependência do método histórico (Petit, 1999: 23).

Comte acredita(va) que, quando o homem pensar cientificamente, deixará de fazer a guerra, aqui entendida como a luta de um homem contra outro homem, abrindo espaço, então, para a luta pela exploração dos meios naturais, com a finalidade de obtenção do produto industrializado.

A reforma social implicaria, assim, outra de caráter intelectual, valorizada pelo estudo da Matemática, Astronomia, Física, Química e Biologia.

Os cientistas substituiriam os sacerdotes e as indústrias, os militares.

A *ciência positiva* parte do pressuposto de que sua constituição ocorreria pela substituição da ordem histórica teológica militar pela ordem social científica industrial. Nessa transição, surgiria o espírito positivo: do teológico para o metafísico e, daí, para o estado positivo. A obra de Comte passa por três fases: de 1820 a 1826: *Opúsculos da filosofia social*; de 1830 a 1842: *Curso de filosofia positiva*; e de 1851 a 1854: *Tratado de sociologia*, instituindo o positivismo como a religião da humanidade.

Comte vê a sociedade industrial como pacífica, prevendo, em razão disso, o **desaparecimento da classe militar** (grifo do editor), pois as guerras, em sua ótica, perderiam sentido. Mas, a classe dirigente, longe de extinguir a força militar, aplica os conhecimentos técnicos e científicos no desenvolvimento de armamento e munições, ou seja, coloca-os a serviço da guerra, como forma de impor sua vontade e prestígio aos outros estados.

A revolução industrial trata de aperfeiçoar as técnicas de guerra, introduzindo, nos campos de batalha, material bélico mais eficiente e de maior mobilidade. A influência da tecnologia no meio militar modifica o valor da estratégia: há a renovação estratégica e tática.

Assim, o desenvolvimento histórico prova que a análise de Comte está equivocada: a natureza humana é disposta às competições, o que, em última instância, acarreta conflitos armados (grifo do editor).

Ao comparar o sistema industrial com o militar, Comte enfatiza a preponderância do primeiro sobre o segundo, sem conseguir visualizar o quanto o aprimoramento das ciências bélicas poderia alterar a conduta dos comandos militares e provocar uma relação, cada vez mais estreita, entre a classe dirigente e os homens de farda.

A cooperação industrial reafirma princípios já estabelecidos no seio militar, tais como a hierarquia e a obediência, dois antigos e importantes alicerces das doutrinas militares que, com o avanço da indústria bélica, se tornam ainda mais imprescindíveis.

A ciência é vista por Comte como a fonte das leis e do pragmatismo, pois o desígnio único da história e do homem é o progresso do espírito humano. Ora, a evolução espiritual necessita da religião, meio de obtenção do amor, da unidade e da moral. Assim, em sua terceira fase de estudo, Comte funda a religião positiva, baseada no pacifismo entre as nações e centrada no desenvolvimento das ciências.

Para Comte, a sociedade moderna, conhecedora dos avanços científicos, está naturalmente em contradição com o aprimoramento da arte da guerra. Como ele próprio afirma: "(...) chegou, enfim, a época na qual a guerra séria e durável deve desaparecer totalmente da elite da humanidade" (Comte, 1975: 239).

Comte pensa que o espírito científico é antagônico ao espírito militar, e que o homem, em um âmbito maior de racionalidade, estaria apto a entender essa verdade e, aos poucos, se desfazer de sua natureza bélica.

Considera que a inteligência avançada é própria daquele que é capaz de enxergar à frente de sua natureza instintiva e primata. Para ele, onde ainda existem armas e espírito bélico, há atraso e ignorância, o que não é mais justificável e aceitável em um período de desenvolvimento técnico-científico. Assim, postula que:

(...) nenhuma inteligência um pouco avançada se recusa mais a reconhecer, de modo mais ou menos explícito, o decrescimento contínuo do espírito militar e a ascendência gradual do espírito industrial, como uma dupla consequência necessária de nossa evolução

progressiva, (...). Numa época em que a repugnância característica das sociedades modernas pela vida militar se manifesta continuamente, das mais variadas formas e com uma energia, sempre crescente até o seio das forças armadas (...). (Comte, 1975: 376).

Para Comte, no estado positivo, vigoraria a paz e a industrialização. A sociedade industrial transforma-se em um mito, um ideal a ser alcançado e passa a simbolizar a perfeição. Caso o estado atinja a harmonia esperada, os exércitos perderiam seu sentido e, nessa situação, os positivistas defendem o fim dos exércitos nacionais.

A Influência positivista no Exército Brasileiro

Um dos meios de difusão das ideias de Comte, no Brasil, é o surgimento da igreja universal positivista. No Brasil, os principais representantes da religião positivista são Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927) e Miguel Lemos (1854-1917). Teixeira Mendes desenha a bandeira nacional e nela inscreve o seu lema *Ordem e Progresso*. Junto com Miguel Lemos, Teixeira Mendes funda o Templo da Religião da Humanidade no Rio de Janeiro, e a Sociedade Positivista Brasileira, em 1876.

O positivismo influencia fortemente a política e o Exército Brasileiro desde o período imperial. O PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) também foi fortemente influenciado pelo positivismo, tendo como principais expoentes Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

Os oficiais brasileiros aderem a essa corrente filosófica e, a partir dela, passam a organizar as escolas militares e a doutrina, alastrando sua influência por toda a corporação. A falta de projeção social vivida pelos militares auxilia nessa aproximação. Como afirma Quartim de Moraes:

(...)o positivismo apresentava uma alternativa para o papel social e político dos militares ao propor, na ausência de uma identidade profissional, uma identidade política: a doutrina do soldado-cidadão (Quartim de Moraes, 1987: 30).

As escolas militares, a partir de 1850, começam a sofrer forte influência positivista via ensino da matemática e da geometria analítica, devido à difusão do *Curso de filosofia positiva*, segunda fase dos escritos de Comte. Benjamin Constant e o Marechal Roberto Trompowsky foram expoentes da difusão positivista na Escola Militar; mas, além deles, havia também: Pereira de Sá, Augusto Dias Carneiro, Almeida Fagundes, Lauro Sodré, Gabriel de Moraes Rego, Antônio José Osório, Manuel Almeida Cavalcanti, Saturnino Nicolau Cardoso, entre outros.

Os mestres repassam aos alunos a ideia tecnicista de progresso científico, e a escola, que deveria adestrar os alunos para o cumprimento das tarefas militares, se volta ao ensino da matemática.

A matemática é ministrada sob orientação positivista, e é, dessa maneira, que se dissemina entre os oficiais a teoria que preconiza a *ordem e o progresso*, fundada no desenvolvimento científico, na ética, na paz e no fim dos exércitos. A matemática, no contexto positivista, é a ciência fundamental para o conhecimento das outras ciências, pois segundo Lins: "Quem não aprendeu a raciocinar em matemática, ressentir-se dessa falha, a vida toda. Por isso, Augusto Comte restabeleceu-lhe o antigo nome de Lógica, no lugar de matemática, que significa apenas ciência". (Lins, 1964: 278).

Benjamin Constant, professor de matemática, através de seus estudos sobre a disciplina, encontra em Comte a motivação para seguir com seus ensinamentos.

Na Escola Militar, a ciência matemática, ministrada sob orientação da *síntese subjetiva* de Comte, valoriza a geometria e o cálculo. Benjamin Constant, além de aplicar seus conhecimentos de

matemática sob influência positivista, também segue os postulados da religião positiva, frequentando a igreja fundada no Rio de Janeiro, sob esta orientação.

A reforma operada por Constant no regulamento das escolas do Exército, em 12 de abril de 1890, não modifica a estrutura militar: permanece incentivando a cultura acadêmica, sem promover a profissionalização da força.

Como elucida Peçanha: **"Os oficiais recém saídos da escola de formação fogem da tropa. Esta, por sua vez, desaparelhada, não lhes oferece motivação"** (Peçanha, 1986: 31) (grifo do editor).

O ministro da Guerra no governo de Rodrigues Alves, Gen Francisco de Paula Argolo, preocupado com a situação caótica do Exército passa a denunciar a estrutura e a requerer novas reformas.

Em 1898, é elaborado pelo Marechal João Tomaz de Cantuária, um conjunto de mudanças, conhecido pelo nome de reforma cantuária, que propõe maior aproveitamento técnico e diminui os ensinamentos teórico-filosóficos dos regulamentos em vigor. Essa reforma, como a de Constant, não afasta a doutrina positivista do seio militar, embora não tenha tido uma repercussão prática sobre a profissionalização da força.

O Exército, desde a Proclamação da República, necessita de profundas e urgentes reformas.

A falta de preparo da força de terra pode ser comprovada, em vários momentos, tais como a Revolução Federalista de 1893-1895, a Revolta da Armada de 1893-1894, e Canudos, de 1896-1897.

Logicamente, essa carência de profissionalização não se deve apenas ao pensamento positivista dos líderes militares no período, que os aproxima das ciências exatas e os afasta das ciências bélicas. A política governamental é igualmente responsável pelo descrédito e esquecimento das forças militares no país.

Os baixos soldos, a falta de escolas, a carência de instrutores competentes no preparo militar, a ausência de material bélico moderno em funcionamento e as péssimas condições de infraestrutura são outros motivos para a decadência da estrutura militar nacional e internacional do Brasil.

Esse contexto torna emergencial a resolução da questão instrucional, pois a continuidade do ensino positivista, ao acarretar a ausência de espírito militar nas escolas e nos alunos lá adestrados, cria um círculo constante de despreparo para a vida militar. A esse respeito, afirma o chefe do Estado Maior do Exército, Gen Bento Ribeiro:

Não resta dúvida que aos atuais professores faltam, em geral, o espírito militar, o tirocínio prático, o conhecimento exato do mecanismo dos exércitos em seus menores detalhes. Há não só no professorado militar como nos que habitam no Estado maior do Exército talentos brilhantes e inteligências esclarecidas e funda e elevada cultura científica (...) (Ribeiro, 1996: 69).

A difusão, entre os positivistas, de ideias contrárias ao Exército, chega ao extremo de se repudiarem os heróis de guerra e de se pregar o fim dos bustos, estátuas, monumentos e outras formas de manifestação que reconstruam os feitos militares do passado (grifo do editor).

Como bem pontua Torres: "o Apostolado combatia as comemorações das vitórias alcançadas pelos exércitos brasileiros nas guerras em que estivemos envolvidos, notadamente contra o Paraguai" (Torres, 1957: 216).

Entre os militares que lutam por uma intervenção reformista, como ocorre na Questão Militar, Benjamin Constant é um dos expoentes máximos. Mas, as reformas propostas por Constant não são tão profundas como outras subsequentes, como já se ressaltou anteriormente. Aliás, é nesse período histórico que surge a concepção de *soldado-cidadão*, indivíduo que representa a ideologia intervencionista do militar na política. Na perspectiva do soldado-cidadão, é recomendável sua participação

ativa no processo político, bem como sua intervenção na política com tendências renovadoras, como acontece com a proclamação da República. Segundo Carvalho:

(...) implicava a suposição de que o soldado, por ser militar, era um cidadão de segunda classe e que devia assumir a cidadania plena sem deixar de ser militar ou, nas formulações mais radicais, exatamente por ser militar (Carvalho, 2005: 39).

O soldado-cidadão representa o civil de farda, que ascende socialmente pela interferência política. O positivismo aproxima tanto o militar do cidadão comum, que, nessa concepção filosófica, o soldado brasileiro passa a ser considerado o cidadão armado. Assim, a forma que esses esquecidos da pátria encontram para se posicionar frente ao desprezo da elite, é o intervencionismo político do soldado-cidadão.

Conclusão

O Exército Brasileiro até 1920 é sustentado por esse embasamento doutrinário de inspiração positivista: o objetivo dos integrantes da Escola Militar é aprender os ensinamentos de engenharia, matemática, deixando de lado os conhecimentos referentes à representação e função de um militar.

Os militares formam-se engenheiros na Escola Politécnica e têm direito de trabalhar no meio civil; são mais acadêmicos do que combatentes, pois, em seu corpo doutrinário está enraizado o cientificismo comtiano.

O positivismo no Exército Brasileiro não atinge o utópico estado aguardado pelo filósofo; ocorrem outras leituras dos postulados, e as ideias adaptam-se aos objetivos existentes no meio de utilização. A força de terra, através dos estudos científicos da matemática e de outras ciências, desenvolve o academicismo nas suas fileiras.

Entretanto, o caráter pacifista, um dos pontos altos da doutrina positivista, não é considerado pelos integrantes do Exército um aspecto negativo na orientação militar nacional. Ao contrário, esse aspecto encontra respaldo em muitos militares que se desviam da ideia de unidade institucional.

Como explica Forjaz:

"O positivismo tinha uma orientação essencialmente antimilitarista, e sua difusão entre os militares brasileiros produziu essa tendência a 'desmilitarizar' o militar e torná-lo o mais civil possível" (Forjaz, 1983: 7).

Os cursos ministrados no Exército, no início da Primeira República, passam a ter configuração positivista, introduzindo mudanças curriculares para melhor propagar a doutrina.

Esse fato faz com que Edmundo Campos Coelho venha a pensar que o Exército, antes da chegada das Missões Militares de Instrução, não possui uma doutrina militar, ou mesmo uma doutrina de guerra. Ele afirma que o exército só adquire um corpo institucional após as grandes mudanças políticas desencadeadas pela revolução de 1930 e a implantação do golpe de 1937. Segundo Coelho:

A fase iniciada em 1930 foi denominada de institucional não só porque o exército tornou-se uma unidade ativa, mas sobretudo porque completou-se o processo pelo qual ele deixou de ser mera "organização" para transformar-se em "instituição" na consciência de seus membros (Coelho, 1976: 128).

A discussão sobre a existência ou não de um corpo de doutrinas no meio militar, ou sobre ser ou não o Exército uma organização institucional, é considerada de grande relevância para o desenvolvimento do tema. Discordando das ideias de Edmundo Coelho, defende-se, nesta tese, a posição de que o corpo doutrinário, presente nos regulamentos, nos estatutos, nas leis e nos decretos militares do Exército antes de 1920 é de cunho positivista, sendo empregado e utilizado nas escolas e no cotidiano militar.

Considera-se que o Exército, nesse período, tem um caráter institucional, porque possui regulamentos, normas e funcionamento que o qualificam enquanto instituição legalmente organizada, mesmo que sua doutrina não corresponda exatamente às funções que o militar deve desempenhar na sociedade e na vida política de uma nação, ou mesmo que o militar não execute o papel que lhe é destinado pelos outros poderes nacionais.

A partir dos estudos realizados sobre a influência positivista no meio militar, acredita-se que a ideologia positivista é a doutrina militar existente e praticada em todos escalões da caserna no Brasil, até o início dos anos 20, embora, concomitante ao ideário positivista praticado pelos militares comece a surgir, no País, uma forte tendência doutrinária nacionalista, chegada pelas mãos de uma elite intelectual.

Referências Bibliográficas

- ARON, Raymond. Plaidoyer pour l'Europe décadente. Paris: Laffont, 1977.
- BOSI, Alfredo. O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. In: Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América. São Paulo: EDUSP, 2004.
- CABEDA, Coralio P. B. A missão de instrução do exército na Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1909-1932). A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, n. 754. out./dez. 1991.
- CARVALHO, José Murilo. Forças armadas e política no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- COELHO, Edmundo Campos. Em busca de identidade: o exército e a política na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- COMTE, Auguste. Cours de philosophie positive. t.VI. Pman, 1975.
- COMTE, Auguste. Système de politique positive. Paris: Gallimard, 1929. t.1.
- COMTE, Auguste. La science sociale. Paris: Gallimard, 1972. p. 191.
- COMTE, Auguste. Philosophie première: cours de philosophie positive (Leçon 1 à 45). Paris: Herman, 1975.
- COMTE, Auguste. Correspondência de Comte à sua esposa. 27.05.1850. In: Auguste Comte: correspondance générale et confessions. Arquivos Positivistas. Paris: EHESS, 1982. t.V, 1849-1850.
- COMTE, Auguste. Auguste Comte: extraits de son oeuvre finie (1851-1857). Paris: Le Soudier, 1898.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. A organização burocrática do Exército na exclusão do tenentismo. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, n. 2, p.7, abr./jun. 1983.
- LINS, Ivan. História do positivismo no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- MC CANN, Frank. Origins of the new professionalism of the brazilian military. Journal of interamerican studies and world affairs, n. 4, v. 21, nov. 1979.
- MILL, John Stuart. Auguste Comte et le positivisme. Paris: L'Harmattan, 1999.
- MONTEIRO, Góes. In: Anais do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.
- PATY, Michel; PETITJEAN, Patrick. Sur l'influence scientifique française au Brésil aux XIX et XX siècles. Cahiers des Ameriques Latines, n. 4, p. 37-38, 1985.
- PEÇANHA, Sebastião. O positivismo: reflexos para o exército, ensinamentos históricos. Rio de Janeiro: ECEME, 1986.
- PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Helgio. O positivismo: teoria e prática. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- QUARTIM DE MORAES, João. A tutela militar. São Paulo: Vértice, 1987.
- RIBEIRO, Bento. Relatório de 1917. In: Documentos Históricos do Estado Maior do Exército. Brasília: EME, 1996.

SALGUEIRO, Luís Sergio Melucci. O positivismo e o exército. Revista Militar Brasileira, n. 132, 4, p. 50, 1995.
TORRES, João Camilo de Oliveira. O positivismo no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1957.
TRINDADE, Helgio. O jacobinismo castilhistas e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul. In: O positivismo: teoria e prática. Porto Alegre: UFRGS, 1999.



Há 440 anos...

Começava o período da união das Coroas Ibéricas, quando Portugal passou a pertencer à Espanha sob o rei Filipe II. Período que perdurou até 1640, portanto 60 anos.

As coisas aconteceram assim:

Em 1578, ocorre a Batalha de Alcácer Quibir (Marrocos) onde Portugal sofre uma pesada derrota e Dom Sebastião I de Portugal morre, criando um problema da sucessão. O Cardeal Dom Henrique sucede a Dom Sebastião, após a morte deste.

Em 1580, as cortes de Almeirim não conseguem encontrar sucessor para o trono de Portugal. Em seguida, morre o Cardeal Dom Henrique. Enquanto isso, o Prior do Crato - Dom Antônio, é aclamado rei na vila de Santarém. Neste mesmo ano, Filipe II invade Portugal e os exércitos lusos do Prior do Crato, comandados por Dom Diogo de Menezes, são derrotados na Batalha de Alcântara (25 Ago). Portugal perde a sua independência.

Em 1581, as Cortes de Tomar declaram Filipe II como rei de Portugal com o título de Filipe I.

Passados 60 anos, em 1640 acontece a Revolução de 1º de dezembro, que acaba com o governo espanhol e restabelece a monarquia lusa. A coroação de Dom João IV (8º Duque de Bragança) como rei de Portugal acontece no mesmo ano. A Espanha não aceita.

Nos anos seguintes houve a Guerra da Restauração Portuguesa contra a Espanha de Filipe IV, na qual as principais batalhas foram as seguintes: Batalha de Montijo em 26 de maio de 1644, Batalha das Linhas de Elvas (1659), Batalha do Ameixial (1663), Batalha de Castelo Rodrigo (1664) e a Batalha de Montes Claros (1665).

Em todas elas os portugueses saíram vitoriosos.

Estava restabelecida a soberania portuguesa.

A União Ibérica foi vantajosa para a Colônia do Brasil.



EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, CEL PRESIDENTE DA AHIMTB/RS (LECAMI-NHA@GMAIL.COM)

SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR

SITE DO NÚCLEO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR

SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM

BLOG DA DELEGACIA DA FAHIMTB/RS EM RECIFE, PE – DELEGACIA HERÓIS DE

GUARARAPES:

HTTP://HISTORIA-PATRIOTA.BLOGSPOT.COM/